

CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL

ANGELA MARIS KOWALSKI DREWS



CURITIBA

2009

ANGELA MARIS KOWALSKI DREWS

PREVENÇÃO DE COURAÇAS EM CRIANÇAS



Monografia apresentada como requisito parcial ao Programa de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique Volpi

CURITIBA

2009



TERMO DE APROVAÇÃO

Eu, **Prof. Dr. JOSÉ HENRIQUE VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, com **CONCEITO C**, o trabalho monográfico de conclusão de curso da aluna **ANGELA MARIS K DREWS**.

Curitiba, de 20 Março de 2009




Prof. Dr. José Henrique Volpi
Orientador

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 Jardim Botânico Curitiba/PR - Brasil - CEP: 80210-000
Fone/Fax (41) 3263-4895 / Site: www.centroreichiano.com.br / E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br

RESUMO

Esta monografia objetiva apresentar uma proposta para prevenir couraças em crianças, associada ao trabalho com os pais. Está norteada por pressupostos reichianos, tratando-se de um trabalho de cunho educativo e preventivo. Para o desenvolvimento do tema, propõe abordar as necessidades mínimas das crianças baseado-se no estudo de dois especialistas em desenvolvimento infantil, BAZELTON e GREENSPAN. Propõe esclarecer as etapas do desenvolvimento emocional pelo qual atravessa a criança, desde a gestação até a adolescência, segundo a psicologia corporal e a formação de estrutura de caráter. Na sequência visa abordar o conceito de prevenção e couraça para melhor entender o processo de encouraçamento e seu funcionamento. Para finalizar, visa utilizar os actings da vegetoterapia de forma breve e focada nos dois primeiros segmentos (ocular e oral).

Palavras Chave: Couraça. Criança. Pais. Prevenção. Psicologia Corporal.





Se a rígida couraça do animal humano é o princípio básico comum de toda a miséria emocional, se é esta couraça que o coloca como espécies biológicas individuais, para além do limite do funcionamento natural, então segue-se a conclusão lógica: a prevenção do encouraçamento é o aspecto principal da higiene mental preventiva. (REICH, [s.d.], p.13)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 A CRIANÇA	8
3 AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL SEGUNDO A PSICOLOGIA CORPORAL E A FORMAÇÃO DO CARÁTER	15
3.1 PRIMEIRA ETAPA: SUSTENTAÇÃO	16
3.2 SEGUNDA ETAPA: INCORPORAÇÃO	19
3.3 TERCEIRA ETAPA: PRODUÇÃO	21
3.4 QUARTA ETAPA: IDENTIFICAÇÃO	22
3.5 QUINTA ETAPA: FORMAÇÃO DO CARÁTER.....	24
4 COURAÇA	25
5 PREVENÇÃO DA COURAÇA	28
6 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38



1 INTRODUÇÃO

Nosso interesse por esse assunto está ligado à nossa prática na psicoterapia com crianças. Temos observado que, em anos recentes, houve aumento no número de encaminhamentos de crianças ao setor de psicologia. Adicionalmente, as crianças vêm sendo encaminhadas em idade cada vez mais precoce, algumas com 2 anos de idade, havendo casos de encaminhamento de crianças de 9 meses.

Constatamos que estas crianças apresentam problemas de ordem emocional, muitas delas com sua saúde física fragilizada, havendo inclusive casos de crianças vítimas de maus-tratos.

A crença de que a criança está segura em sua família, e de que os pais são bons, parece-nos falsa. Observamos que nem toda mãe traz consigo amor maternal, nem todo pai possui estrutura emocional para exercer a paternidade. Tanto a maternagem quanto a paternagem estão longe de serem sentimentos automáticos. São de fato sentimentos construídos, nutridos e desenvolvidos um dia após o outro.

Ao tomarmos contato com a teoria Reichiana, viemos compreender que a tarefa do terapeuta infantil consiste em prevenir os obstáculos no caminho natural do desenvolvimento em direção à genitalidade plena.

Não devemos lutar para criar crianças que não tenham nenhum problema e sim criá-los livres de encorajamentos patogênicos de modo que nenhum sintoma possa criar raízes e persistir. As crianças continuarão vivendo problemas emocionais por um longo tempo. O principal é mantê-las preparadas para desembaraçarem-se rapidamente desses problemas. (REICH, [s.d.], p.49)

A diferença entre crianças saudáveis e doentes não está no fato de que as primeiras não apresentam distúrbios emocionais enquanto as doentes sim, pois de acordo com Reich ([s.d.]) “a saúde não consiste na ausência total de doença, mas na habilidade do organismo para ultrapassar a doença e sair dela sem danos”. Portanto, a questão a ser considerada é que a criança não pode ficar engajada na doença a vida toda, como sucede com crianças neuróticas típicas; a diferença está na estrutura de caráter. “Por isso, a prevenção do

encouraçamento é o aspecto principal da higiene mental preventiva.” (REICH, [s.d.], p.13)

Em seu livro *Crianças do Futuro* ([s.d.]), Reich organizou um trabalho para atuar diretamente na prevenção das neuroses desde a gestação até a puberdade, baseando-se na idéia de que o destino da raça humana dependia das estruturas de caráter das “crianças do futuro”. Em prol da saúde energética e emocional do ser humano, defendia com unhas e dentes as crianças do futuro.

Segundo Reich ([s.d.]), devido a uma educação repressora e compulsiva, as crianças vão se encouraçando aos poucos, desestruturando gradativamente sua auto-regulação.

O princípio orgonômico da auto-regulação baseia-se totalmente na estrutura natural do recém-nascido (REICH, [s.d.], p.34).

Auto-regulação implica em deixar a criança desenvolver-se naturalmente, respeitando suas necessidades básicas. No entanto, dada a grande dificuldade dos pais em deixar que isto aconteça, a educação torna-se compulsiva e repressora, onde os pais julgam saber o que é melhor para seu filho. Assim, as crianças são condicionadas por princípios morais e compulsivos para que possam sobreviver em seu meio.

Nossa proposta é a prevenção de couraças em crianças e, especialmente, prevenir o encouraçamento durante os primeiros anos de vida, trabalhando com os pais para que tenham participação mais ativa, comprometidos com o processo terapêutico de seu filho; adicionalmente, busca-se proporcionar aos pais o reencontro com sua criança interior, através de lembranças do brincar. Objetivamos também trabalhar com os actings da vegetoterapia de uma forma breve, focada nos dois primeiros segmentos (olhos e boca).

Portanto, tomamos como pergunta norteadora desse trabalho: Como prevenir, desde cedo, o encouraçamento das crianças?

Para o desenvolvimento do tema, elegemos (algumas) questões norteadoras inicialmente, abordaremos as necessidades que levariam uma criança a um tratamento psicoterápico e no capítulo seguinte as etapas do desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal e a formação da estrutura de caráter, pois é mediante a compreensão do desenvolvimento que

se chega à criança interior do paciente e a estrutura de caráter, resgatando sua possibilidade de crescimento e maturidade caracterológica. Na sequência, abordaremos o conceito de prevenção e couraça para melhor entendermos o processo de encouraçamento e de seu funcionamento e de que a repressão na infância leva à formação da couraça, psíquica e emocional.

Para finalizar, fazemos considerações sobre a proposta de prevenção da couraças em crianças associada ao trabalho com os pais, o qual estará norteado por pressupostos reichianos.



2 A CRIANÇA

Neste capítulo faremos uma breve reflexão sobre as necessidades mínimas das crianças, baseando-se no estudo de dois especialistas em desenvolvimento infantil, Brazelton e Greenspan (2002), associados ao nosso trabalho.

Alguns especialistas e profissionais que estudam as características e necessidades infantis costumam dizer que o desenvolvimento da criança acontece em três planos: o biológico, o cognitivo (conhecimento) e o afetivo/social. Isto significa que além do alimento e dos cuidados com a saúde, é igualmente importante o lugar e as pessoas com quem a criança se relaciona. Elas precisam dos cuidados de um adulto que responda a estas necessidades de forma apropriada para a sua idade.

O primeiro contato, e o mais forte, que a criança tem é com a sua família. Segundo Carter e MacGoldrich (1995) a família costuma ser definida como um grupo de pessoas que possuem vínculos afetivos, de consangüinidade ou de convivência, independente da forma como ela está configurada, a família é quem primeiro transmite os valores e costumes de uma determinada sociedade para as crianças. É no dia a dia que os filhos vão recebendo os primeiros ensinamentos e vão internalizando os valores da sociedade, ou seja, como uma pessoa deve ou não se comportar. Por isso que se diz que a família reproduz valores culturais, porque os ensinamentos são transmitidos de uma geração para outra. E é também neste contexto, que desde o momento que a criança nasce, necessita de cuidados especiais sem os quais não podem crescer, aprender e se desenvolver.

Quanto mais refletimos e nos conscientizamos sobre quais são os cuidados que todas as crianças tem direito, mais se torna claro à carência das crianças que atendemos com relação a essas necessidades mínimas.

Para Brazelton e Greenspan (2002), toda a criança tem seis necessidades fundamentais:

1. A necessidade de relacionamentos sustentadores contínuos.

A importância de relacionamentos constantes e acolhedores têm sido estudado e demonstrado por vários especialistas preocupados com o desenvolvimento infantil, eles revelaram ao mundo a importância do cuidado sustentador, do vínculo ou do contato, para a saúde física e emocional da infância, as crianças necessitam mais do que uma ausência de privação, elas requerem um cuidado sensível, sustentador, para construir capacidades de confiança, empatia, compaixão.

Segundo eles, os primeiros anos são ao mesmo tempo o período mais crítico e vulnerável no desenvolvimento de qualquer criança, é onde os ingredientes para o crescimento intelectual, emocional e moral são definidos. Se não forem, é verdade que uma criança em desenvolvimento ainda pode adquirí-los, mas o custo e as chances de sucesso diminuem a cada ano. Dessa forma não podemos abandonar as crianças nesses primeiros anos. Quando a criança nasce tem na família seus referenciais. Seus pais são uma espécie de espelho onde a criança obterá as primeiras percepções de si mesmo e do tipo de pessoa que é.

Segundo Brazelton e Greenspan (2002), quando há relacionamentos seguros, empáticos, sustentadores as crianças aprendem a ser íntimas, empáticas e eventualmente comunicar seus sentimentos, refletir sobre seus próprios desejos e desenvolver seus próprios relacionamentos com seus iguais e com os adultos. Também ensinam quais os comportamentos são adequados e quais não são e ainda capacitam a criança a aprender a pensar.

Portanto, passamos a entender que as interações emocionais são a base não apenas da cognição, mais da maioria das capacidades intelectuais de uma criança, incluindo sua criatividade e as habilidades de pensamento abstrato.

“Os relacionamentos são essenciais para regular nosso comportamento, nossos humores e nossos sentimentos bem como para o desenvolvimento intelectual”. (BRAZELTON E GREENSPAN, 2002, p. 27)

2. A necessidade de proteção física, segurança e regras.

A necessidade mínima de proteção, de segurança e de limites, como a necessidade de relacionamentos contínuos, é, por si só, evidente para muitos. Entretanto o grau que ela não é satisfeita pode não ser tão evidente.

Observamos que devido a uma situação social, econômica e política, que não são estáveis, muitos pais apresentam dificuldades em prover as necessidades básicas para o desenvolvimento da criança.

A falta de emprego, de moradia, de cuidado, de atenção, de proteção, de interesse expõem a criança em situações de risco e vulnerabilidade física, psicológica e social. Nessas situações observamos que algumas crianças acabam sofrendo algum tipo de violência, sentindo-se desvalorizadas e ansiosas, ficando propensas a adoecer com facilidade.

Apesar do foco do nosso trabalho estar centrado em esforços para intervir e oferecer apoio aos casos em que as crianças são vítimas de algum tipo de violência (física, sexual, psicológica e negligência), nos sentimos impotentes e percebemos que somente a psicoterapia e orientação aos pais não são suficientes para resolver os problemas.

Portanto, continuamos preocupados quando damos conta que apesar de existir programas de proteção a violência, não estamos fazendo muito progresso.

Tomamos como questionamento desse trabalho: Como podemos prevenir a violência que atinge as crianças? O que podemos oferecer as famílias para reduzir e prevenir a violência antes que ela aconteça?

Temos a constante preocupação de encontrar alternativas para os pais em termos de como estabelecer limites, disciplina e de ajudar seu filho em seu processo de crescimento, que não inclui o uso da violência.

O direito básico de uma criança a proteção física e ao cuidado deve ser a base sobre a qual todos os outros esforços devem ser construídos. Não fazê-lo mostra claramente a nossa falta de preocupação com as crianças.

Toda a criança necessita de segurança, essa é uma de suas necessidades mais básica, sendo sua ausência uma forma de abuso psicológico.

Observamos que as crianças que vivem com medo da violência, seja em sua casa ou na comunidade onde moram, freqüentemente tem dificuldade de

aprendizagem, de interação com outras pessoas e podem ter problemas de auto-estima e insegurança.

3. A necessidade de experiências que respeitem as diferenças individuais.

O desenvolvimento é um processo que passa por diferentes etapas e conseqüentemente experiências. As crianças a medida que crescem, vão desenvolvendo capacidades, sentimentos e também necessidades diferentes, e isso varia de uma criança para outra o que a torna única.

No entanto, observamos que alguns pais tendem a fazer comparações a cerca do desempenho de seu filho em relação a outras crianças, e não respeitam o ritmo da criança, esperam que a criança corresponda exatamente as suas expectativas e da sociedade em geral. A criança ao perceber a limitação de seu desempenho em alguma área e é muito cobrada pelos seus pais, possuem a tendência a se desvalorizar.

Portanto a criança para se desenvolver precisa de ajuda dos pais que, consciente de suas necessidades, a protejam e respeitem, a levem a sério, a amem e ajudem a se orientar. Também devem adequar as experiências as qualidades única de cada criança aumentando dessa forma a possibilidade de ela crescer física, intelectual e emocionalmente saudável e, portanto capaz de satisfazer as expectativas da família e da sociedade.

Sergundo Brazelton e Greenspan (2002), a orientação das diferenças individuais tenta identificar o perfil único de cada criança em sua sutileza e infinitas variações e também mudar a forma de pensar sobre crianças e famílias.

4. A necessidade de experiências adequadas ao desenvolvimento.

A medida que as crianças crescem, elas dominam diferentes estágios de desenvolvimento cada um desses estágios fornece alicerces para habilidades motoras, cognitivas, de linguagem, emocionais e sociais.

Quando a criança negocia um novo estágio do desenvolvimento ela continua a requerer os tipos de interações associados com os estágios

anteriores. Vistos que novos tipos de interações são acrescentados aos antigos, quanto a criança chega á idade escolar há uma variedade de experiências fundamentais para ajudar a criança a aprender a lidar com o seu mundo.

As crianças dominam essas tarefas do desenvolvimento em ritmos muitos diferentes, portanto devemos respeitar não obrigando a criança a desempenhar tarefas que ainda não está amadurecida para exercer. Por isso é importante conhecer as habilidades de cada fase do desenvolvimento para podermos adaptar experiências ás necessidades de desenvolvimento mais preemente da criança, freqüentemente poderemos ajudá-la a superar dificuldades, bem como promover crescimento e desenvolvimento saudável.

5. A necessidade do estabelecimento de limites, organização e expectativas.

Embora haja concordância geral sobre as necessidades do estabelecimento de limites, organização e orientação na vida de uma criança há uma forte diferença de opinião entre profissionais em relação a melhor maneira de satisfazer tais necessidades.

Para ajudar a esclarecer essas questões é importante entender como bebês e crianças pequenas aprendem.

Toda aprendizagem, mesmo de limites e estrutura, começa com afeto, a partir do qual as crianças aprendem a ter confiança, intimidade, empatia, afeto e vínculo com as pessoas em torno delas. Limites e estrutura começam com afeto e preocupação porque 90% da tarefa de ensinar crianças a internalizar limites baseia-se no desejo de agradar as pessoas a sua volta. As crianças desejam agradar por várias razões diferentes: porque amam seus cuidadores e querem sua aprovação e respeito, ou porque tem medo. Obviamente, há, com freqüência uma combinação de medo e desejo de aprovação. As crianças também aprendem imitando as pessoas a sua volta. A moralidade se desenvolve pela tentativa de tornar-se igual a um adulto admirado. (BRAZELTON E GREENSPAN, 2002, p 149).

Os limites nos dão uma sensação de segurança, a criança que percebe nos pais firmeza e definição clara no modo de agir e educar se sente feliz e acolhida. Por outro lado, o fato de se ter uma família permisiva, onde não existam regras, causam na criança um sentimento de instabilidade e insegurança, assim como bater ou espancar uma criança prejudicará a auto-imagem da mesma.

Antes de a criança poder raciocinar com palavras limites estão sendo estabelecidos através da comunicação não verbal e gestos. A criança desenvolve um conjunto de diretrizes que serão internalizadas através de inúmeras experiências em diferentes estágios do desenvolvimento.

“Quando fornecemos limites adequados e os juntamos com afeto sustentador e um senso real de admiração pela singularidade da criança, estamos ajudando essa criança a estabelecer seus próprios objetivos interiores e disciplina”. (Brazelton e Greenspan, 2002, p. 154)

6. A necessidade de comunidades estáveis, amparadoras e de continuidade cultural.

Os esforços da parte das crianças serão proporcionais ao apoio que as famílias recebem da comunidades e a cultura dentro das quais a criança se desenvolve.

Muitas das nossos crianças vivem em comunidades que não oferecem proteção e segurança física, pois são caracterizadas por medo e perigo. Temos desafios enormes com crianças metendo-se em dificuldades após a escola devido a falta de atividades adequadas na comunidade ou a falta da supervisão dos pais, pois ambos estão trabalhando fora para equilibrar o orçamento ou para melhorar a situação econômica da família.

Também temos famílias que se encontram em situações de risco ou problemas como: alcoolismo, depressão, doença mental, abuso de substâncias químicas, desemprego, problemas anti-sociais graves, moradias e dificuldades conjugais severas, como consequência dificuldades em criar seus filhos. nesse contexto há famílias que requerem mais do que simplesmente serviços de apoio organizados através de escolas, postos de saúde ou outras instituições.

Muitas delas apresentam dificuldades em buscar ajuda ou de encontrá-la, pois há muitos obstáculos políticos e até mesmo culturais a proteção das mesmas.

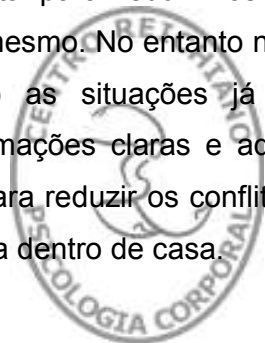
Ainda temos, as privações emocionais, que se tornam devastadora devida á dor e a desorganização que ela causa. Esse tipo de privação exaure o espírito humano e a capacidade de educar gerações futuras.

Portanto, nossa preocupação com as crianças não permite separarmos necessidades físicas das necessidades emocionais. A motivação para esse trabalho de prevenção é porque para nós a satisfação física, social, emocional e intelectual são igualmente fundamentais para o desenvolvimento das crianças.

Concluimos que as crianças que não tem suas necessidades básicas satisfeitas e que foram negligenciadas ou maltratadas em casa, apresentam várias dificuldades de linguagem, de aprendizagem, sociais e emocionais.

Portanto, acreditamos que uma das coisas mais importantes para evitar conflitos dentro de casa é proporcionar aos pais o conhecimento das etapas de desenvolvimento de uma criança, bem como suas características, limitações e os cuidados necessários de cada uma delas.

É claro que dentro da nossa realidade somente saber sobre o desenvolvimento não basta para reduzir os conflitos, pois temos pais que conhecem muito sobre o mesmo. No entanto não conseguem garantir o melhor para seus filhos, devido as situações já citadas anteriormente. Porém acreditamos que ter informações claras e adequadas não só ajuda como é necessário e importante para reduzir os conflitos na relação entre pais e filhos e especialmente a violência dentro de casa.



3 AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL SEGUNDO A PSICOLOGIA CORPORAL E A FORMAÇÃO DO CARÁTER

Neste capítulo, pretendemos aprofundar o estudo sobre as etapas do desenvolvimento emocional, para melhor compreender os desafios, desejos, necessidades pelas quais a criança passa, visando a prevenção das couraças.

Cada etapa do desenvolvimento emocional é dinâmica e única para cada indivíduo, representam momentos de passagem que induzem a incorporação de experiências vividas e determinam a entrada e a saída de uma etapa á sucessiva.

A estrutura de carácter é uma definição desenvolvida por Wilhelm Reich, que os psicoterapeutas corporais utilizam para compreensão entre atitude corporal e emocional. Ela é formada durante as etapas do desenvolvimento emocional pelas quais passa a criança, e vai desde a sua concepção até a adolescência.

Se a criança passa por todas as etapas do desenvolvimento sem sofrer comprometimentos entre seus impulsos naturais e as frustrações impostas a ela por uma educação moralista e compulsiva, será capaz de chegar ao que Reich (1933) denominou carácter genital, auto-regulado, sem bloqueios.

No entanto, segundo Volpi e Volpi (2002), se os impulsos dessa criança forem frustrados, reprimidos de forma severa, bloqueios se constituirão e como resultado, ocorrerão as fixações de energia na fase do desenvolvimento em que a criança se encontra, deixando, por sua vez, registros que mais tarde serão incorporados ao carácter da criança, que passará a ser neurótico, e não mais genital. Daí também a importância da compreensão das etapas do desenvolvimento para melhor entender os traços de carácter de uma pessoa.

Federico Navarro (1995), médico neuropsiquiatra, retomou e ampliou a técnica análise do carácter desenvolvida por Reich e efetuou uma revisão dos tipos de carácter, chegando à conclusão que, ao final da adolescência estabelece definitivamente o carácter e que não existe um carácter linear e único que possa ser individualizado. O que existe é um conjunto de traços caractereológicos provindos dos comprometimentos das etapas do

desenvolvimento que configuram a neurose de hoje. Assim, os tipos de caráter propostos por Reich em sua forma pura não existem. Aponta Navarro que somente pode se falar em caráter quando este já é maduro, ou seja, o caráter chamado por Reich de genital.

Quanto ao aspecto energético, podemos encontrar uma variação e segundo Volpi e Volpi (2003) é o diagnóstico energético que irá determinar o aspecto psicológico. Logo, o aspecto psicológico irá determinar o comportamento, que por sua vez é a expressão caracterial do indivíduo.

O desenvolvimento físico, emocional e energético pelos quais a criança passa serão descritos abaixo de acordo com os teóricos da abordagem corporal: Reich, Navarro, Baker e Volpi e Volpi.

Segundo Volpi e Volpi (2002), as etapas do desenvolvimento emocional são: sustentação, incorporação, produção, identificação e formação do caráter.

3.1 PRIMEIRA ETAPA: SUSTENTAÇÃO

A essa etapa Volpi e Volpi (2002) denominam de sustentação, uma vez que a mãe nutre o bebê energeticamente e emocionalmente, oferecendo condições de sustentação para o seu desenvolvimento no útero. Tem seu início na fecundação e termina no momento do nascimento. É composta por três fases: a primeira, a fase de segmentação, corresponde ao período da concepção até a implantação do zigoto nas paredes uterinas, que se dá por volta do quinto ao sétimo dia de gravidez. Nessa fase há um gasto elevado de energia autógena, ou seja, da própria célula. O útero é o primeiro ambiente da criança e, assim sendo, deverá ser receptivo, pulsante e acolhedor. Dessa forma, medo, estresse, angústia ou qualquer outro tipo de emoção podem alterar esse processo energético, dificultando e/ou impedindo a sustentação.

Na sequência, tem-se a fase embrionária, cujo início se dá com a implantação do zigoto, estendendo-se até o final do segundo mês de gestação. Nessa fase, há predominância biológica e endócrina, na qual a célula continua a se multiplicar para formar o embrião, consumindo ainda muita energia autógena. Não obstante a formação do cordão umbilical que sustenta o embrião nas paredes do útero, a energia vai se organizando para passar a ser

trofo-umbilical, sendo este período o mais crítico, pois é quando se inicia a formação de toda a estrutura externa e interna do organismo.

Na terceira semana de gestação inicia-se a formação dos três folhetos embrionários: ectoderma, mesoderma e endoderma. É no período embrionário que se forma a pele (ectoderma) tal qual o sistema nervoso, olhos, ouvido e nariz.

É importante saber que qualquer situação tomada pela mãe como estressante é capaz de ativar mecanismos endócrinos maternos e interferir no desenvolvimento físico e energético do bebê.

A terceira e última fase é denominada de fase fetal, cujo período se estende do terceiro mês de gestação até o final do desmame, que na visão Reichiana deve ocorrer até o nono mês de vida. Em termos energéticos, como a placenta já se formou, a energia que o bebê recebe é da própria mãe, através do cordão umbilical. É também a fase em que se pode presenciar a formação do cérebro e do sistema neurovegetativo.

Segundo Lapierre (2002) o cérebro humano é o desembocador de uma longa evolução filo-genética, na teoria de Mac Lean, o homem possui portanto, um cérebro em três estágios, cujas funções são diferenciadas e hierarquizadas: reptiliano, límbico e neocórtex.

O cérebro reptiliano é constituído pelas estruturas mais antigas, mais arcaicas que persistem as funções vegetativas e as funções vitais essenciais instintivas, que asseguram a auto-conservação do indivíduo e da espécie, o que poderíamos considerar semelhante às pulsões.

O cérebro límbico é constituído essencialmente nas formações olfativas, que são como seu nome indica, órgãos perceptivos do olfato. Essa percepção tem também uma dimensão afetiva, emocional e relacional, desempenhando um papel importante nas emoções.

Por conseguinte, entendemos que, o cérebro reptiliano e límbico determinam toda a vida biológica do homem – suas necessidades orgânicas, comportamentais, afetivas e suas exigências “inconscientes”. Para satisfazê-las, não há necessidade de “pensar”.

O neocórtex proporciona a dimensão espaço-temporal, do antes e depois, da historicidade, da relação causa e efeito, bem como a capacidade de leitura, da escrita, da arte, da lógica, da matemática, da consciência por meio

da reflexão e da abstração. É a sede do saber, da crítica, da análise, da síntese, da decisão e outros.

Segundo Navarro:

As etapas de amadurecimento desses três cérebros determinam a formação do eu, alterações no amadurecimento levam ao falso eu (Winnicott); o amadurecimento está condicionado pela carga energética fetal e pelo campo energético fetal como campo materno, definido como primeiro campo energético (1996, p.19).

Ainda segundo Navarro (1996), para se ter um caráter é necessário ter um “eu”, cuja formação tem início no período fetal e se completa no período pós-natal. Durante o período neo-natal, podemos falar de um “eu” que existe, mas ainda não “é”.

Se nenhum dano foi infligido ao útero, o recém-nascido traz consigo toda uma riqueza de plasticidade e do desenvolvimento natural. Ele traz consigo um sistema energético enormemente produtivo e adaptável que, por seus próprios recursos fará contato com seu meio-ambiente de acordo com suas necessidades. (REICH, [s.d.], p.16).

Se, por outro lado, ocorrer qualquer situação estressante durante a gestação, uma relação de hostilidade, medo, angústia, rejeição, tentativa de aborto, uso de drogas e outros, irão prejudicar o bebê, deixando-o em uma situação de carência energética chamada de hipoorgonia. Assim, na presença de doenças graves, a criança não tem energia para combatê-la, podendo levá-la à morte.

No período embrionário, quando existe o dano, a tentativa de assegurar a sobrevivência privilegiará principalmente o desenvolvimento do reptiliano (os núcleos da base do cérebro) e conduzirá à psicose congênita (autismo).

No período fetal, quando o recém-nascido já se adaptou à vida extra-uterina uma situação de estresse atingirá principalmente as funções basilares do primeiro nível reichiano, isto é, olhos, ouvidos e nariz (os telereceptores).

Neste caso, teremos como “fixações” um grave núcleo psicótico (Navarro) ou esquizóide (Reich), atingindo os telereceptores com os quais o ser humano entra em contato já na vida intra-uterina.

Os bloqueios nesta etapa estão vinculados à falta de contato, à rejeição afetiva experienciada na relação da mãe e bebê, amamentação, comunicação e maternagem.

Compreendemos que o vínculo com a função materna produz referência internalizando de que as relações são uma ameaça em potencial. Por isso, a pessoa desliga-se emocionalmente do outro, para evitar sentir emoções muito intensas, pois sentir significa entrar em contato com o pouco afeto que teve.

Temos ainda, como consequências psicológicas, comportamento de esquiva, isolamento, medo e agressividade. São pessoas tomadas pela ansiedade, agitadas e que não conseguem esperar. Com baixa condição energética, mal distribuída pelo corpo (hipoorgonótica/desorgonótica).

3.2 SEGUNDA ETAPA: INCORPORAÇÃO

A segunda etapa de desenvolvimento recebe o nome de incorporação (VOLPI e VOLPI, 2002), iniciando logo após o nascimento, encerrando-se com o desmame por volta do nono mês de vida.

Uma vez que o bebê abandona o útero para se ligar ao seio da mãe introjetando tudo que vier do mundo externo, começando pela amamentação, pela comunicação através do toque, do cheiro, do olhar, da maternagem e muito mais. A mãe é a referência para o bebê.

A importância da amamentação está ligada a vários fatores, tais como a passagem de anticorpos, de taurina, de ácidos graxos não-saturados no leite materno e ingeridos pelo recém-nascido, mas sobretudo, na estruturação inicial do eu (SPITZ, 1987). Este, que até então não se percebia como um ser existente, passa a fazê-lo através do outro (a mãe é o “não eu” que serve para diferenciar o eu da criança) (KLEIN, 1975).

Aos poucos, o bebê vai descobrindo que não faz parte da mãe (simbiose), como até então tinha a sensação e começa a se distanciar, explorando o ambiente e as pessoas à sua volta, passando a fazer o reconhecimento de si mesmo (bebê) e do outro (mãe).

É a qualidade desse vínculo, do contato orgonótico (energético) que o bebê tem com a mãe que lhe dá segurança para separar-se dela e, mais tarde, tornar-se uma pessoa independente.

O contato orgonótico é a experiência mais essencial e também o elemento emocional na inter-relação entre a mãe e a criança, principalmente no período pré-natal e durante as primeiras semanas de vida. O futuro da criança depende dele. Este período parece ser a base do desenvolvimento emocional do recém-nascido. (REICH, [s.d.], p.79)

É importante saber que o bebê é capaz de regular suas próprias necessidades de fome, demonstrando-as por meio de choro, balbucios e agitação. Isso significa que não se deve interferir nesse movimento. É o bebê quem sabe o momento em que está com fome e não os pais encorajados, com a mania de impor hora para tudo. Limites são importantes, mas têm seu momento para serem aprendidos e vividos. Importa, então, que o organismo da criança possa por si mesmo manifestar-se de acordo com as suas próprias necessidades. Qualquer movimento dos pais que venha interromper essa pulsação poderá trazer sérios comprometimentos ao bebê em saber sustentar-se ao longo da vida.

Qualquer estresse que ocorrer durante esta etapa acarretará má distribuição da energia pelo corpo (desorgania), consequência de uma amamentação deficitária ou de um desmame brusco.

Parece-nos claro que a amamentação deficitária influenciará na formação do eu, que se fixará notoriamente no temperamento e manterá uma vulnerabilidade ligada à emoção de “perda”. A perda de um objeto amado a mãe e/ou bico dos seios deixa uma sensação de abandono, um luto que poderá provocar uma condição depressiva. Quando isto acontece a criança traz por consequência um traço de caráter denominado borderline (Navarro) ou Oral (Reich).

Os bloqueios nesta etapa são caracterizados pela dificuldade de contato, seja do tipo passivo (dependência) ou do tipo ativo (agressividade oral). Há o oral insatisfeito, que esconde a situação depressiva, procurando compensá-la

com alimentos, álcool e fumo; e há o oral reprimido que geralmente são pessoas raivosas, mordazes e possessivas.

Temos ainda, como consequências psicológicas, sentimentos de abandono, baixa auto-estima, medo da rejeição, dependência emocional, depressividade, e outros.

Essa etapa termina com o desmame que, segundo Navarro implica no começo do funcionamento intencional da neuromuscularidade e sendo óbvio que o desmame, ainda mais se mal feito, antecipa perigosa e forçadamente a atividade neuromuscular. É a funcionalidade neuromuscular que provoca a formação da caracterialidade e, depois, do caráter (1995, p.11).

3.3 TERCEIRA ETAPA: PRODUÇÃO

A etapa de produção (VOLPI e VOLPI, 2002) tem seu início como o desmame, estendendo-se até o final do terceiro ano de vida. Nessa etapa, a criança está toda voltada à construção de pensamentos, de gestos, brincadeiras (evuindo do brincar simples e repetitivo para o brincar construtivo), jogos, relacionamentos etc, da mesma forma que produz sua urina e suas fezes.

Esta etapa ocorre depois que o esfíncter anal tiver passado a ser um órgão funcional. O treino ao banheiro realiza-se de modo natural no decorrer desse período se os pais, em especial a mãe, considerarem o funcionamento vesical de modo natural, não interferindo nos progressos da criança, seja por meio de uma educação precoce ou severa, seja por meio de uma preocupação ou cuidado excessivos.

É importante que se tome cuidado com as preocupações excessivas, principalmente com a ordem e/ou limpeza, procurando não exigir que a criança contenha suas necessidades fisiológicas de urina e fezes antes de completar dois anos de idade. Caso contrário, se a criança tiver que chegar ao controle esfíncteriano antes de estar pronta, poderá retesar sua musculatura, principalmente as coxas, nádegas e a pélvis. O púbis deverá ser retraído para trás e a respiração mantida em suspenso. Essas contrações diminuem

acentuadamente as sensações pélvicas, interferindo no desenvolvimento genital futuro.

A sensação de satisfação e orgulho que a criança vivencia quando produz o movimento intestinal é de extrema importância para ela. Compreendemos que, nesse instante, estará aprendendo a separar-se de sua mãe e a formar uma identidade independente, a exercitar autonomia, a experimentar o que pode ou não fazer, a ter controle sobre si mesma, o que não significa que os pais devam ser totalmente permissivos ou repressores, porque as crianças também pedem, e precisam de limites.

Uma educação moralista e repressora faz com que a criança sinta-se culpada pelos seus atos, colocando-a numa situação de submissão e tensão, inclusive dependente das instruções dos outros, criando profunda teimosia (retenção), além da incapacidade de dar-se livremente.

Nesta etapa, a criança tem alta carga energética, porém mal distribuída pelo corpo (hiperorgonótica/desorgonótica). Qualquer estresse ou bloqueio traz por consequência um traço de caráter psiconeurótico (Navarro), ou obsessivo compulsivo e masoquista (Reich).

Ainda temos como consequências psicológicas a repressão da espontaneidade, baixa auto-estima, medo da punição, fazendo com que a criança aprenda a ter uma tendência submissa ao outro (masoquista), negação da autonomia e manipulação. Necessidade compulsiva pela ordem, colecionar coisas (obsessivo compulsivo), ressentimento profundo pela necessidade de controlar seus impulsos.

3.4 QUARTA ETAPA: IDENTIFICAÇÃO

É a partir do quarto ano de vida que se inicia a etapa em que a criança é capaz de fazer identificações (VOLPI e VOLPI, 2002). É nessa etapa que a energia volta-se à descoberta dos genitais, e a criança passa a distinguir a diferença entre menino e menina, passando a ter idéia a que sexo pertence. Neste momento, faz perguntas sobre o sexo e, ao mesmo tempo, tem curiosidade para conhecer tudo o que está relacionado a isso. Ocorrem as

primeiras masturbações e manipulação dos genitais, o que deve ser encarado com naturalidade e sem punições.

Nessa etapa, a criança continua passando por várias aquisições cognitivas, aprendem muito, aprendem o tempo todo. É o brincar que ajuda a criança aprender sobre o mundo ao seu redor, explorando situações que acontecem no dia-a-dia, resolvendo conflitos, etc. Aos poucos, a criança vai saindo do campo familiar e voltando-se cada vez mais para o campo social.

Segundo Reich ([s.d.]), em matéria de educação, devemos guiar-nos exclusivamente pelos interesses da criança, e não pelos adultos.

Embora as crianças sejam diferentes entre si, algumas características são comuns a maioria delas e há pais que tem uma boa noção do que se pode esperar de uma criança de acordo com a sua idade, e demonstram claramente o que querem dela dentro do que é possível naquele momento. No entanto, se os pais exigem demais, a criança desenvolve medo, não conseguindo fazer as coisas direito. Por outro lado, se os pais não exigem nada, a criança sente-se perdida, sem saber o que fazer.

Esse é um momento extremamente neurótico. Os pais, muitas vezes, não se dão conta da liberdade necessária à criança. Segundo Melanie Klein (1975), todas as crianças passam por um processo neurótico, diferindo apenas na intensidade dos sintomas.

A criança possui alta carga de energia, chamada hiperorgonótica. Quanto maior a repressão, menor a possibilidade de descarga da energia. Ela resolve de maneira insatisfatória as funções edípicas. Os bloqueios adquiridos trazem, por consequência, o caráter neurótico (Navarro) ou fálico narcisista e histérico (Reich).

Compreendemos que os bloqueios têm origem na não aceitação da expressão da sexualidade infantil.

Ainda temos como consequências psicológicas, por exemplo, o fálico narcisista, cujas relações afetivas (objetais) expressam atitudes sádicas, medo de serem rejeitados, abandonados, de entregarem-se e serem traídos, desta forma evitando contato com seus sentimentos. Identificação do poder com a potência sexual, excesso de auto-confiança, superioridade, atitudes sarcásticas, ferinas, agressivas e depreciativas. Também são atitudes de pessoas cujo o traço do caráter é fálico. Já a caracterialidade histérica, nas

relações, têm uma atitude sexual invasiva e grande agilidade corporal. Na iminência de concretizarem a sua sexualidade, retraem-se ou mostram-se apreensivas e possessivas. O histérico deseja ser o centro das atenções, frequentemente apresentando mecanismos depressivos.

3.5 QUINTA ETAPA: FORMAÇÃO DO CARÁTER

Essa etapa que, Volpi e Volpi (2002) denominam de formação do caráter, têm início aos cinco anos de vida, estendendo-se até a puberdade. É a etapa em que a formação da estrutura básica de caráter se completa. Para Reich (1995), o caráter é a forma do indivíduo agir e reagir perante todas as situações que o mundo lhe impõe.

Nessa etapa ocorre a identificação da criança com o pai do mesmo sexo, e a masturbação fica mais evidente. Devagar, a criança vai encontrando a sua própria identidade e, caso tenha atingido essa etapa sem bloqueios ou fixações das fases anteriores, poderá estruturar o chamado caráter genital, o qual segundo Reich (1933) é auto regulado, equilibrado e maduro.

Segundo Navarro (1995), o caráter genital é aquele com a possibilidade de expressar sua livre pulsação, sem fixação nas etapas afetivas de desenvolvimento da personalidade.

Compreendemos que o caráter genital é apenas um caráter de referência, o que significa que é possível termos momentos de genitalidade ou traços genitais mas dificilmente teremos um caráter genital.

Concluimos que o estudo das etapas do desenvolvimento está longe de ser meramente diagnóstico. Não obstante, podemos categorizar, como fizemos, as estruturas de caráter associando as ansiedades necessárias de cada fase do desenvolvimento, já que a personalidade encontra-se num desenvolvimento dinâmico e contínuo. Porém, não devemos utilizar estas padronizações com as crianças, pois isto seria impossível, mas podemos utilizá-las para (localizar) facilitar em que época ocorreu o provável trauma psíquico para então conectarmos seu sofrimento mais facilmente, de modo a liberar a energia retida.

4 COURAÇA

Para melhor entendermos o processo de encouraçamento e seu funcionamento, acreditamos necessário promover uma definição do conceito de couraça, e também a técnica de como mobilizar a energia em estase (parada), tendo em vista que o propósito é trabalhar com os pais encouraçados ou orgasticamente impotentes (Reich) visando a prevenção da couraça em crianças.

Segundo Ferreira (1975), prevenção é o ato ou efeito de prevenir-se, é adiantar-se, antecipar-se, dispor-se de maneira que se evite o dano.

Para Reich, toda a vida funciona pelo princípio básico da pulsação. “Todo ser vivo é o que é porque é dotado de uma carga energética que tem uma circulação pulsante e um metabolismo próprio.” (1995, p.25)

Com relação à divisão do sistema nervoso com base em critérios funcionais, temos os sistema nervoso somático e o visceral, sendo este último subdividido em sistema nervoso simpático e parassimpático. A maioria dos órgãos internos recebe inervações de fibras simpáticas e parassimpáticas. O aumento da atividade em um dos sistemas inibe as funções do outro. É assim que o organismo se equilibra. A incapacidade desse equilíbrio, faz com que a auto-regulação entre em colapso.

Segundo Volpi e Volpi (2003), Reich define saúde com base na capacidade do indivíduo oscilar ritmicamente entre o sistema nervoso simpático e parassimpático. A maioria dos órgãos internos recebe inervação de fibras simpáticas e parassimpáticas. É a pulsação que leva o indivíduo estar sempre confrontando o mundo que o cerca e a caminhar em direção à vida. Se, este estado biológico estiver alterado, em uma ou outra direção, isto é, se a função de expansão ou contração predominar, uma perturbação do equilíbrio biológico do organismo será inevitável. O contínuo estado de expansão é sinônimo de parassimpaticotonia e o contínuo estado de contração é sinônimo de uma simpaticotonia. O equilíbrio entre os dois sistemas é chamado por Reich de homeostase e ausência de pulsação representa a couraça.

A palavra couraça é utilizada para representar armadura, escudo, proteção. Com relação aos aspectos emocionais do ser humano, a couraça se

ergue em defesa, a fim de proteger o ego contra os perigos do mundo externo. À medida que essas defesas do ego se tornam cronicamente ativas, acabam evoluindo para a formação do que Reich chamou de couraça, entendida como contração e enrijecimento crônico e permanente dos músculos e do ego. Freud (1976), já dizia que o Ego é “primeiro e acima de tudo um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.” (p. 40)

Enfim, a couraça caracterológica é a limitação da expressão emocional ou psíquica e a couraça muscular, provoca a contração do corpo, não deixando a energia circular, é a origem das biopatias que são as desordens orgânicas.

Para melhor compreensão pedagógica Reich (2003) mapeou o corpo em sete níveis de couraças, que se dão em forma de anéis, que quando encouraçados impedem o fluxo energético e para compensar o corpo adota novas posturas.

A saber:

- 1º nível: ouvidos, olhos, nariz (telereceptores);
- 2º nível: boca (oralidade, depressividade);
- 3º nível: pescoço (narcisismo, defesa narcísica, auto-controle);
- 4º nível: tórax (identidade biológica, ambivalência);
- 5º nível: diafragma (masoquismo, ansiedade);
- 6º nível: abdômen (compulsividade, analidade); e
- 7º nível: pélvis (genitalidade, superego, histeria).

A circulação energética pode estar bloqueada em um ou mais níveis e cada bloqueio provoca uma situação ou condição caracterial específica.

Quando Reich começou a tratar o corpo dos pacientes, deu ênfase aos bloqueios e às contrações crônicas. Foi quando constatou que, no momento em que a situação muscular se desbloqueava surgia uma reação emocional que, quando expressa, permitia que o bloqueio se desfizesse. O desaparecimento dos bloqueios lentamente conduzia a uma transformação caracterial. Por esse motivo Reich denominou essa técnica de vegetoterapia caracterioanalítica. Mas, por que vegetoterapia? Pela íntima relação existente entre o sistema nervoso e os processos mentais, envolvendo em um só conceito o trabalho psíquico e físico.

“O princípio básico da vegetoterapia é o restabelecimento da motilidade biopsíquica através da anulação da rigidez (encouraçamento) do caráter e da musculatura.” (REICH, 1975, p.17).

A vegetoterapia procura flexibilizar a couraça, liberando as emoções e resolvendo conflitos psicológicos. Para tanto, Navarro (1995) sistematizou uma metodologia clássica da vegetoterapia, cefalo-caudal – da cabeça em direção aos genitais passando por todos os segmentos para o desbloqueio das couraças utilizando-se de actings.

A definição do acting, movimento proposto pelo terapeuta reichiano ao paciente durante sessão de vegetoterapia, visa a mobilização de determinados músculos e conseqüentemente o afrouxamento do bloqueio energético.

A aplicação do acting tem por objetivo estressar os músculos para recuperar, por meio de movimentos musculares específicos simples, intencionais, ativos, determinadas funções neuropsicofisiológicas ligadas à esfera emocional. O desbloqueio se dá quando os actings têm uma sensação agradável.



5 PREVENÇÃO DA COURAÇA

Reservamos o quinto capítulo para aprofundar o estudo de como prevenir a couraça em crianças, o qual está norteado por pressupostos Reichianos, por tratar-se de um trabalho de cunho educativo e preventivo, associado à aplicabilidade dos actings do segmento ocular e oral. Dessa forma, proporcionaremos aos pais condições de reviver sua infância e entrar em contato com sua criança interior, através das lembranças do brincar.

Como psicólogos atuando na rede pública, deparamo-nos diariamente com crianças vítimas de violência doméstica e conflito pais e educação.

Os casos encaminhados para o atendimento psicológico, inicialmente passam pela triagem antes de ficarem aguardando na lista de espera.

Implantamos esse procedimento com o objetivo de prestar um atendimento inicial aos pais, identificando e eliminando sem perda de tempo os casos sem motivação para a psicoterapia e selecionando os casos que necessitam de atendimento imediato, especialmente aqueles encaminhados pelo ministério público, conselho tutelar e a casa de apoio, dando os devidos encaminhamentos para outras especialidades quando houver necessidade.

Após a triagem determinamos a prioridade de atendimento e que tipo de atendimento psicoterápico é necessário para a criança, podendo ser individual ou em grupo, da mesma forma selecionamos os pais que precisam de orientação, atualmente está sendo realizada com os pais das crianças que encontram-se em psicoterapia.

Além desse trabalho, a proposta dessa monografia é convidar os pais das crianças que aguardam na lista de espera para participarem do grupo de orientação aos pais. Para tanto, serão selecionados os pais que foram identificados na triagem cujo os problemas é entre eles e o seu filho e que não apresentam problemas emocionais sérios.

Temos pais que nos procuram porque tem dificuldades de se relacionar com seu filho, apresentam situações em que sentem dúvidas e inseguranças com relação a educação, por isso buscam ajuda, orientação e conselho para a tomada de decisões.

Sabemos que não existe uma receita para garantir que o relacionamento familiar seja sempre tranquilo, porém os pais apresentam dificuldades em compreender a dinâmica das relações entre pais e filhos, dificuldades em dialogar, escutar, negociar e buscar soluções que sejam boas para todos.

Quanto as crianças que chegam à psicoterapia encontram-se cada vez mais carentes e vulneráveis no que diz respeito à sua vida afetiva e familiar. Conseqüentemente, muitas delas apresentam, também, queixas clínicas, apresentando a saúde física fragilizada ou até comprometida, além daquelas aquelas que são vítimas de maus-tratos. Isso se dá devido às dificuldades dos pais em exercer suas funções familiares adequadamente, pela inabilidade de impor limites e proporcionar educação, afetividade e proteção à criança, ou pela repressão da emoção, pelos pais encorajados, comprometendo a carga energética da mesma ocorrendo a estase (congelamento) de sua energia.

Sabemos que somos fruto das crenças e costumes do meio ambiente em que vivemos. Como profissionais, precisamos discernir as verdadeiras motivações das regras que dirigem as relações familiares. Precisamos enxergar e desconstituir, para nós mesmos e para os que nos cercam, tudo o que foi fruto de preconceitos historicamente constituídos.

Face a essas demandas, consideramos a possibilidade de convidar os pais a participar de um encontro com outros pais, cuja a proposta é que eles possam aprender uns com os outros e refletir e vivenciar seus conflitos com relação a educação de seus filhos, através de sua própria experiência.

Segundo Reich ([s.d.]), a grande dificuldade dos pais está em permitir que os recém-nascidos desenvolvam-se naturalmente, pois o encorajamento aparece muito cedo na vida, logo após o nascimento. Após a primeira couraça, o poder auto-regulador do bebê começa a escassear, tornando-o frágil à medida que o encorajamento se espalha por todo o organismo. Dessa forma, a criança deve ser condicionada por princípios morais, compulsivos, ou seja racionais.

Assim, desde cedo a criança é exposta ao ambiente disciplinador que se apóia na repressão das emoções naturais primárias, auto-reguladoras, e a estrutura emocional deturpada respondem de acordo com o meio ambiente disciplinador, apoiando-se e reproduzindo. A auto-regulação, a liberdade de movimento e de decisões parece não encontrar lugar neste contexto.

Retomando, a auto-regulação opera em seus próprios domínios, o das necessidades primárias naturais. Em outras palavras, não pode ser ensinada, disciplinada e nem implantada na criança, pois ela somente pode crescer de acordo consigo mesma.

Toda criança recém-nascida tem sua própria individualidade, seu próprio tom emocional, que deverá ser reconhecido para que suas reações emocionais sejam compreendidas.

Quase toda mãe sabe profundamente o que a criança é e o que ela precisa, mas as mães seguem teorias falsas e perigosas, em vez de ouvir seus próprios instintos naturais. Deste modo a dificuldade não está nos problemas infantis mas em algo muito poderoso, na estrutura do caráter humano, que obstaculariza o caminho daqueles que tentam resolver estes problemas. Por esta razão, é lógico que os obstáculos no caminho dos cuidados racionais das crianças são mais importantes que os problemas da criança em si. (REICH, [s.d.], p.54).

Portanto, o nosso ponto de partida é levar em conta a estrutura de caráter dos pais, que é parte crucial desse ambiente, particularmente da mãe que irá criar o ambiente desde o momento em que o embrião é formado até o nascimento. Se a mãe é emocionalmente bloqueada, ela será propensa a desenvolver idéias errôneas sobre como a criança deveria ser ou sobre o que fazer na ocorrência de bloqueios emocionais.

Para Reich ([s.d.]), se o organismo da mãe é livre e emocionalmente expressivo, ela compreenderá o bebê. Mas se ele é caracterologicamente encoraçado, rígido, tímido ou inibida, falhará na compreensão da linguagem do bebê, e por esta razão, o desenvolvimento emocional da criança é exposto a várias influências prejudiciais.

Não podemos deixar de associar a história de vida da criança às relações com os pais, relacionando o tipo de dinâmica familiar às características corporais. Por isso, é de suma importância as intervenções terapêuticas na família, através da participação ativa dos pais no processo terapêutico de seu filho.

E para atingirmos o nosso objetivo, acreditamos ser de fundamental importância que os pais reconheçam em si a sua criança bloqueada e recalçada em um mundo sem significados, que os impedem de desempenhar o seu papel de pais, bem como tomar consciência de que brincar é fundamental

para a criança, devendo ser participativos e facilitadores nesse momento lúdico.

É importante considerar que qualquer intervenção terapêutica utilizada, deve ter um objetivo definido. Quando fazemos uma proposta de trabalho, estamos dando vida e energia àquela dinâmica, atividade, brincadeira, que muitas vezes representam um conflito, em busca de um novo fluxo energético.

Portanto, o papel principal do terapeuta é criar uma atmosfera na qual os pais sintam-se seguros e motivados a aprender a respeito de si mesmos, e a respeito do mundo de seu filho.

Para tanto, o terapeuta precisa estar trabalhado pessoalmente, de modo a conseguir identificar e diagnosticar o que está acontecendo durante o processo terapêutico.

Reich propôs que, para sermos terapeutas ativos, torna-se de primordial importância a sensibilidade, a consciência, a habilidade do terapeuta, para entender o que é mobilizado por cada intervenção, associado à sua capacidade intuitiva e a outros componentes necessários que serão instalados na relação terapeuta-paciente.

Neste trabalho, pretendemos contar com o recurso técnico não disponível em outras linhas terapêuticas: O trabalho com o próprio corpo e a vegetoterapia.

É importante deixarmos claro que a intenção não é seguir a metodologia clássica da vegetoterapia, ou seja, aplicar todos os actings com os pais e sim aplicar um ou outro acting de forma breve, focada e adaptada, com a intenção de mobilizar a energia nos níveis psíquico e somático. Dessa forma os pais terão a oportunidade de reviver os bloqueios emocionais e recuperar o fluxo energético que impedem a sensação com o corpo. Portanto não podemos deixar de apresentar o pacote completo dos actings que vamos utilizar e esclarecer melhor nossos objetivos.

Segundo Navarro (1996), o acting da concha é realizado da seguinte forma: apóia-se as mãos em “concha” sobre os ouvidos do paciente, ou com mãos abertas (“planas”) sobre a orelha, exercendo pressão sensível por algum tempo, depois as retira fazendo-as escorregar, pressionando na direção do pescoço. Este acting procura recriar condições para o paciente vivenciar as condições intra-uterinas e o momento do nascimento, sendo também utilizada

para diagnóstico e, conseqüentemente, auxiliar o paciente a liberar bloqueios e frustrações desse momento.

Para tanto, é importante criarmos uma situação terapêutica que ofereça energeticamente um novo útero mas, antes de tudo, o terapeuta deverá ter disponibilidade afetiva para o vínculo, para então oferecer um campo energético acolhedor.

Outro acting que podemos utilizar para a investigação, com a intenção de avaliar a relação do paciente com seus pais, é a “luz nos dois olhos”.

Segundo Navarro (1995), passa-se a explorar, com a luz, a psicodinâmica-funcional dos dois olhos, separadamente, lembrando que o olho esquerdo é o “da mãe”, e o direito o “do pai”, devido à diferente funcionalidade cruzada dos dois hemisférios cerebrais. Para os canhotos, evidentemente, é o contrário. Tapa-se o olho direito para impedir a visão, convidando o paciente a fitar com o olho esquerdo por um tempo determinado a fonte luminosa de uma lanterna de bolso (tipo “caneta”), sem incidir com o feixe diretamente no olho, a uma distância de 25cm. Após algum tempo, o paciente faz algumas caretas e passa-se à verbalização. Repete-se a mesma técnica para o olho direito de depois fitando com os dois olhos.

Antes de prosseguirmos, alguns aspectos a respeito da aplicabilidade dos actings devem ser considerados: o paciente deve ser convidado a ficar deitado, com as pernas dobradas e os pés apoiados no colchão; o tempo de cada acting aumenta conforme a necessidade, não devendo ultrapassar vinte e cinco minutos; após a aplicação dos actings sempre perguntar ao paciente quais foram as sensações experimentadas e se estas acarretaram lembranças e, principalmente, se estas sensações foram prazerosas ou desagradáveis.

Segundo Navarro (1996), os actings do olhar são estimulados com a luz de várias formas: o primeiro acting, fitar o ponto luminoso de uma lanterna de bolso, com os dois olhos; o segundo, movimentos de convergência e acomodação, o foco de luz é colocado diante dos olhos do paciente, porém dessa vez ele não fica parado, aproximando-se e afastando-se do nariz, evocando o movimento da mãe que se aproxima e se afasta do bebê e do olhar do bebê ao mamar, que foca ora o rosto da mãe, ora o bico do seio, alternadamente. O terceiro é ligado à vivência do desmame, lateralização dos olhos, é a movimentação dos olhos, que acompanham a luz, da direita para a

esquerda, até o limite dos olhos. O último acting para os olhos é a rotação com auxílio da luz, devendo ser feita em sentido horário para paciente do sexo masculino e no sentido anti-horário pelo sexo feminino, ao contrário para paciente canhoto, este acting está ligada à necessidade de integração dos dois hemisférios centrais que precisam de equilíbrio.

Pode-se também convidar o paciente a fixar um ponto de luz no teto, acima de sua cabeça ou repetir os actings sem foco.

Nosso interesse no segmento ocular é estimular o olhar, o contato, por conseguinte a capacidade de se reconhecer e reconhecer o outro, o mundo, e assim estabelecer relação.

Buscamos, também, trazer à tona as diferentes respostas desenvolvidas no processo de encouraçamento, emoções como o medo, a desconfiança, a mágoa, a tristeza, a confusão, a rejeição e o abandono.

Ainda, segundo Navarro (1996), os actings da boca são estimulados de várias formas: o primeiro propõe ao paciente, mantendo os olhos abertos, que fique com a boca aberta. O segundo, pede ao paciente que faça com a boca em movimento de sucção, como se seus lábios buscassem o bico do seio materno. O terceiro é a vivência do desmame, para o qual convidamos o paciente a morder, mastigar um retalho ou toalha. O último acting consiste em mostrar os dentes, sem apertá-los.

O paciente deverá realizar caretas após a finalização dos actings (olhos e boca), permitindo a distribuição de energia e liga energeticamente o primeiro nível com o segundo.

Os actings dos olhos e da boca são associados pois todo mamífero, ao nascer, entra naturalmente em contato com a realidade com todos os seus sentidos; o mesmo não ocorre com o mamífero homem, que, infelizmente, é separado da mãe ao nascer. Com o método da vegetoterapia procuramos preencher esse vazio neuropsicofisiológico. (NAVARRO, 1996, p.54).

Pretendemos com esse trabalho facilitar o contato com os sentidos, resgatando as sensações agradáveis e desagradáveis, já que lembranças das vivências logo após o nascimento não são possíveis.

É importante lembrar que, durante o período de amamentação estão sendo marcadas experiências fundamentais de prazer através da qualidade

corporal mãe-filho. Por isso é também necessário um campo energético caloroso de acolhimento.

A presença do terapeuta nesse momento exerce uma função muito importante: a instauração de um campo energético semelhante ao campo fusional da vida intra-uterina.

Com essa aproximação, o terapeuta poderá tocar no paciente, propor e fazer a massagem.

A massagem Reichiana também é uma intervenção eficaz, sempre no sentido da cabeça aos pés. É uma técnica diagnóstica, que atinge o sistema neurovegetativo, flexibilizando a couraça, auxiliando a desbloquear as tensões intra-uterinas e neonatais e buscando equilíbrio entre o sistema nervoso simpático e parassimpático.

No trabalho corporal, quando atingimos o nível dos tecidos musculares, estamos operando sobre as defesas de caráter do paciente, visando a liberação da energia e a provocação destas emoções.

É muito importante, antes de iniciar o acting, massagear os três primeiros níveis (olhos, boca e pescoço).

Com a aplicabilidade dos actings, é importante salientar que além do desbloqueio energético, da expressão da emoção e da energia, também reconhecemos que estamos proporcionando aos pais o reencontro com sua criança interior, através dos sentidos.

Associamos a essa intervenção terapêutica, a vivência de lembranças da infância, resgatando aqueles momentos lúdicos onde o brincar e as histórias infantis eram o universo mágico. Que através dessas lembranças os pais possam resgatar sentimentos e emoções de sua infância e, ao mesmo tempo, se responsabilizar por esses sentimentos e pelas necessidades sem perder a conexão consigo mesmos. Que percebam que, quando foram crianças era fácil expressar o que sentiam. No entanto, ao crescer, vão criando regras de como devem ser e agir e, conseqüentemente, vão se tornando encorajados e submetendo seus filhos à suas exigências, comprometendo seu desenvolvimento físico, emocional e energético.

Como terapeutas sabemos que o brincar, para a criança, tem o objetivo de favorecer a evolução psíquica e o seu desenvolvimento, o que permite que a criança elabore seus conflitos psíquicos.

Segundo Rocha (1998), pelo fato dos brinquedos possuírem sua carga energética, devemos, direcioná-los para o seu aumento em busca de clímax, auxiliando um processo de descarga vegetativa, sem que necessariamente a criança precise mobilizar para a consciência os seus conflitos, mas possa favorecer uma sensação de bem estar e de alegria. Com esse processo, podemos facilitar o amadurecimento psíquico e a integração do ego da criança e, dessa forma, estaremos propiciando o processo natural de auto-regulação do organismo. Assim, estamos intervindo no aspecto psíquico e somático, encorajando o sentimento de unidade com o corpo.

Oportunizando aos pais esses momentos de contato com sua própria infância pretendemos facilitar o acesso ao mundo da criança e, dessa forma, estaremos abrindo um espaço energético na relação entre pais e filhos, dando condições para que eles possam brincar livremente com seu filho.

Desenterrando dessa forma o precioso pote de magia e encantamento que pode tornar suas vidas mais colorida, bela, alegre e expressiva.



6 CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento deste estudo verificamos que existe pouco material disponível a respeito da prevenção de couraças em crianças por autores da psicologia corporal. No entanto, os pressupostos reichianos, associados aos demais instrumentos da vegetoterapia, incluindo também o próprio trabalho do terapeuta, compõem um sistema preventivo e principalmente psicoterapêutico, bastante eficaz cujo o objetivo é a recuperação do movimento pulsatório do organismo.

É importante considerar que os actings da vegetoterapia, além de seu objetivo específico de flexibilizar as couraças, tem como objetivo o acesso à criança interior.

Infelizmente, não desenvolvemos essas intervenções corporais e verbais na prática, no entanto arriscamos fazer associações e considerações do trabalho desenvolvido por Reich e Navarro ao propormos o reencontro dos pais com sua criança interior. Fizemos isto sabendo que a teoria reichiana abre espaço para arriscar, criar e ousar.

Porém, para fazer uso destas técnicas, e para ser um analista Reichiano, deve-se conhecer não somente a metodologia da vegetoterapia, mas também os elementos fundamentais do pensamento funcional, da orgonomia, psicodinâmica reichiana e pós-reichiana, da psicopatologia e psiquiatria, da somatopsicodinâmica e, além disso, lembrar que na base de toda a patologia está a emoção do medo.

“O medo é o obstáculo a todo funcionamento sadio do ser vivo, é a causa de todo impasse, de toda a resistência e de toda a violência.” (NAVARRO, 1996, p.16)

As intervenções corporais incluem várias técnicas que têm como objetivo a dissolução da couraça acompanhada da liberação de impulsos e emoções reprimidos, favorecendo a restauração da funcionalidade corporal sadia associada à restauração da pulsação e dos fluxos de energia orgânica, os trabalhos corporais também produzem efeitos em nível intra-psíquicos,

favorecendo a elaboração de conteúdos psíquicos inconscientes, o que contribui para uma restauração psíquica e caracterológica do paciente.

Concluimos que a proposta de trabalho com os pais poderá proporcionar com o desbloqueio energético, sensação de inteireza e de totalidade com o adulto que se é hoje, e ainda estar receptivo a novas idéias e experiências, e compreender os conflitos que impossibilitam de ser, sentir, vivenciar o que é melhor para eles e, conseqüentemente, para seus filhos, auxiliando-os na superação dos obstáculos com sabedoria.

E que esses momentos possam tocar e aquecer os seus corações, com a mesma beleza e simplicidade com que um sorriso de uma criança consegue nos descongelar.

Por outro lado, acabamos compreendendo que o encouraçamento é um mecanismo necessário à nossa sobrevivência, estando presente em todos nós. Ao lidar com crianças devemos lembrar que ela é corporal, que não estamos lidando com couraças crônicas onde as emoções já foram obliteradas como nos adultos biopáticos. Estamos lidando com emoções muito maleáveis, com fases de encouraçamento e energia fluindo livremente e também não deve existir dúvida de que a criança encontra-se em desenvolvimento e de que a genitalidade é o centro energético do desenvolvimento infantil.

Para concluir, é importante afirmarmos: a teoria sem a prática é inútil, a prática sem a teoria é muito perigosa, e a nossa aprendizagem sobre crianças somente pode ocorrer a partir das próprias crianças. Nossa compreensão é enormemente empobrecida se não tivermos um contato com nossa infância.

REFERÊNCIAS

BOADELLA, D. **Correntes da vida**. Uma introdução à biossíntese. São Paulo, Sumus, 1992.

BRAZELTON, T.B E GREENSPAN, S. I. **As necessidades essenciais das crianças**. O que toda criança precisa para crescer, aprender e se desenvolver. Porto Alegre: artmed, 2002.

CARTER, B., MACGOLDRICK, M. E COLABORADORES. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: artes médicas, 1995.

ELSWORTH, F. B. **O labirinto humano**: causas do bloqueio da energia sexual. 3. ed. São Paulo: Summus, 1980.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREUD, S. **O ego e o id**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LAPIERRE, A. **Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação**. Curitiba: UFPR, 2002.

MACHADO, A. **Neuroanatomia funcional**. Rio de Janeiro: São Paulo, 1985.

NAVARRO, F. **Metodologia vegetoterapia caracterológico-analítica**. São Paulo: Summus, 1996.

NAVARRO, F. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus 1995.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica sistemática Reichiana da patologia e da clínica médica**. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.

REICH, W. **Crianças do futuro**. Curitiba: Centro Reichiano, [s.d.].

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REICH, W. **A função no orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROCHA, B. S. **Brincando com o corpo**. São Paulo: Cliper, 1998.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VOLPI, J. H. e VOLPI, S.M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

VOLPI, J. H. e VOLPI, S.M.. **Reich da vegetoterapia à descoberta da energia orgone**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLPI, J. H. e VOLPI, S.M.. **Práticas da psicologia corporal aplicadas em grupo**. Curitiba: Centro Reichiano, 2001.

